

Proletários de todos os países, uni-vos!

# A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

## A IMAGEM DO BRASIL

Ganha vulto sempre maior a divulgação no exterior da grave situação que atravessa o Brasil. A imprensa e o rádio de muitos países ocupam-se da feroz repressão empreendida pela ditadura contra o povo brasileiro. Denunciam fatos verídicos e monstruosos como a aplicação sistemática do método de tortura a presos políticos e o assassinato frio de inúmeros patriotas e democratas. Revelam as dificuldades crescentes que enfrentam os trabalhadores submetidos ao "arrocho salarial", enquanto grandes capitalistas, nacionais e estrangeiros, usufruem fabulosos lucros. Também adquirem envergadura, no exterior, as manifestações de apoio e solidariedade ao povo do Brasil e de protesto contra a brutalidade fascista. Isto constitui importante aspecto da luta contra a reação mundial.

A ditadura exaspera-se cada vez mais com estas denúncias e manifestações. Tenta desmortejar a opinião pública, dizendo tratar-se de uma campanha organizada por "maus brasileiros", supostamente interessados em denegrir o nome do Brasil. Deliberadamente confunde a imagem do Brasil com a da ditadura. A imagem do atual governo é precisamente a que vai tomando forma no exterior, a fisionomia de um sistema terrorista, antinacional e anti popular imposto pela força. Mas, a imagem do Brasil não é apenas esta. É principalmente a da luta heróica sustentada pelo povo há quase nove anos contra o mais despótico regime que já conheceu. A repressão é um lado, a resistência democrática é o outro aspecto da verdadeira feição do país nos dias que correm.

São os generais fascistas que envergonham o nome do Brasil realizando uma política que depõe contra os foros de uma nação civilizada. A luta gloriosa do povo, que os generais tudo fazem para esconder, enaltece a pátria brasileira ante os olhos do mundo. De monstra que seus filhos não se submetem à tirania e lutam firmemente pela grande causa da liberdade e da independência nacional. Enfrentando dificuldades de toda ordem, os operários, camponeses, estudantes, artistas, intelectuais e os sacerdotes ligados ao povo combatem das mais variadas formas a ditadura. Brasileiros empunham armas e derramam seu sangue na selva amazônica para livrar o país do regime fascista.

Em sua luta, os patriotas e democratas contam com a simpatia dos povos de todos os Continentes. Não insulta o Brasil quem condena a ditadura militar que oprime a nação. Ao contrário, presta um relevante serviço à democracia, manifesta-se como verdadeiro amigo da gente brasileira.

Neste  
Número:

RESULTADOS DE UMA FARSA (Comentário Nacional)	3
MENSAGEM À ALBÂNIA	4
VERDADEIRO CAMINHO DO POVO (Comentário sobre a resistência armada no sul do Para)	5
INTERVENÇÃO IANQUE NO BRASIL	7
DOCUMENTO DE ATUALIDADE	9
CONFLITOS RURAIS NO NORDESTE	10

# UM ESCRITOR DO POVO

Comemora-se este ano o 80º aniversário de Graciliano Ramos. Entre os romancistas surgidos na década de 30 e que adotaram como temática o Nordeste, Graciliano merece um lugar especial. Ele tanto ambientou seus romances no campo ("Vidas Secas", "São Bernardo") como nas cidades ("Caetés", "Angústia"). Em qualquer caso, o povo pobre e trabalhador e as diferenças e conflitos de classe constituem o ponto de partida principal. Mas, diferentemente de outros autores do ciclo nordestino, Graciliano não explorou o "exótico do Nordeste", não idealizou o marginalizado urbano, não fez concessões ao sentimentalismo diante da miséria nordestina, não romantizou o "sensualismo tropical" - temas de sucesso certo diante da massa de leitores do Centro-Sul, que aprecia fazer turismo literário em torno do pitoresco "bárbaro" do Nordeste. Graciliano foi um dos mais coerentes realistas da literatura brasileira. Sua abordagem é basicamente a do realismo crítico. E a forma correspondente ao conteúdo: seu estilo é contido, preciso, feito de osso, músculos e nervos. Exagerou, por vezes, - é o caso principalmente de "Angústia" - no método de narrar através do prisma interior do personagem, sobrecarregando o quadro de deformações e fantasmagorias desse mundo subjetivo de ficção. Mas Graciliano foi, acima de tudo, um escritor que aliou um grande talento e a maestria formal com a seriedade, a repulsa à romantização demagógica, a fidelidade a um conjunto de idéias cuja característica é a atitude crítica diante da sociedade brasileira, o inconformismo e a tomada de posição ao lado dos espoliados e oprimidos.

Vinculado ao movimento da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, foi preso, trazido ao Rio e levado para a Ilha Grande. Essa penosa experiência, que Graciliano suportou com uma dignidade exemplar, resultou numa obra única na literatura brasileira, as "Memórias do Cárcere". Seu valor é triplice: literário, histórico e político. Nesse último sentido tem o valor de uma denúncia do despotismo bárbaro das camarilhas dominantes, cuja atualidade, nesse Brasil de hoje, sufocado pela pior das ditaduras militares, não é preciso frizar. Posteriormente, Graciliano ingressou no Partido Comunista, permanecendo fiel às suas idéias até o fim de sua vida. As idéias de Graciliano Ramos constituem um dado essencial para a compreensão da sua obra. "Vidas Secas" não poderia ser escrito por alguém que adotasse uma atitude reacionária, "neutra" ou indiferente diante do povo. No entanto, os porta-vozes das classes dominantes, não podendo desconhecer os méritos do Graciliano escritor, tratam de ignorar Graciliano político. Os fatos relacionados com as suas tomadas de posição ideológicas e políticas são, por vezes, apresentados como episódios isolados e de valor puramente anedótico, quando constituem parte fundamental da biografia e da obra do grande escritor.

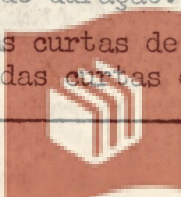
O 80º aniversário do nascimento de Graciliano Ramos é, por vários motivos, bastante grato ao povo brasileiro, aos seus sentimentos democráticos, revolucionários. Cumpre comemorá-lo, inclusive repudiando as tentativas cínicas do regime militar de querer patrocinar as homenagens que serão prestadas à memória do inolvidável romancista. A presença, por exemplo, do ministro da Educação, coronel Passarinho, nas comemorações programadas na terra natal do escritor, é um insulto a tudo que Graciliano simboliza. A ditadura representada por Passarinho oprime o povo e a cultura. Recentemente ainda, proibiu a exibição de um filme baseado em "São Bernardo", por ser fiel ao livro.

Na vida e na obra de Graciliano Ramos, as forças populares, em particular a juventude, encontrarão valiosos exemplos de dignidade, coerência e fidelidade à causa da liberdade, contra a reação e o fascismo.

## OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Tirana - Emissões de uma hora de duração:  
- Às 20,00 e 22,00 horas em ondas curtas de 31 e 42 metros  
Emissões de meia hora de duração:  
- Às 4,00 e 18,30 horas em ondas curtas de 31 e 49 metros  
- Às 7,00 horas ondas curtas de 25 e 31 metros

Rádio Pequim - Emissões de uma hora de duração:  
- Às 19,00 horas - Ondas curtas de 25, 30, 41 e 48 metros  
- Às 21,00 horas - Ondas curtas de 19, 30 e 32 metros



# Resultados de uma Farsa

COMENTÁRIO  
NACIONAL

Eram previstos os resultados da farsa eleitoral de 15 de novembro. O partido governista abocanhou a grande maioria das prefeituras do interior e prevaleceu nas Câmaras Municipais. As hostes arenistas ensaiaram um tanto de vitória que durou pouco e não contagiou ninguém. Os êxitos anunciados tinham cheiro e sabor de derrota.

Desde que assumiram o Poder, os militares esforçam-se para convencer que eles representam a renovação de costumes e a substituição dos velhos quadros políticos. As eleições vieram desmenti-los enfaticamente. Há muitos anos no Brasil não se viam cenas tão degradantes numa campanha eleitoral. A corrupção campeou em toda parte. O xingamento e as ofensas pessoais constituíram o mais forte argumento de candidatos sem prestígio nem apoio popular. Bandos de pistoleiros tiroteavam em praça pública no afã de eliminar fisicamente os concorrentes. Ressurgiram velhas oligarquias locais disputando acirradamente as posições de mando. Parecia até os anos 20 quando as eleições não passavam de contenda entre famílias "tradicionais".

É difícil calcular os votos efetivamente governistas. A Arena subdividiu-se em várias legendas. Dois, três candidatos, registrados pelo mesmo partido, disputavam as preferências do eleitorado. Um deles representava a situação, os outros diziam-se de "oposição". Na Bahia e no Ceará, por exemplo, venceu a Arena. Mas os governadores Carlos Magalhães e Cesar Gals sofreram graves derrotas: muitos de seus pupilos não conseguiram eleger-se. A abstenção, particularmente nos grandes centros, foi da ordem de 20 a 25%. Consideráveis foram os votos em branco ou nulos. Na capital de São Paulo atingiram quase meio milhão num total de mais de 2 milhões de eleitores. Em vários municípios, apesar de existir candidato único, o prefeito não pôde ser eleito porque os votos em branco e nulos superaram os válidos. O povo expressou nas cédulas sua repulsa a Garrastazu. "Abaixo a ditadura", "Fora os militares", "liberdade", "Vivam os guerrilheiros do Araguaia" foram algumas das inscrições que se repetiram nas urnas. Muitos eleitores, considerando o pleito como despido de qualquer significação, votaram em animais do zoológico. Em São Paulo escolhiam o rinoceronte Toc-Toc. Na capital da Bahia a onça Carina obteve 2.100 sufrágios.

O MDB, como era de esperar, saiu enfraquecido. Não apresentou candidatos em 40% dos municípios devido às limitações que sofre. Onde concorreu as eleições tinha dificuldade para sensibilizar o eleitorado. Abstinu-se de criticar a ditadura. E seus adversários da Arena diziam claramente que a eleição de um emedebista significava estagnação total do município porque o governo lhe recusaria meios para administrar. Além do mais, existiam também candidatos de "oposição" da Arena que não ofereciam o risco de sofrer retenção dos recursos oficiais. Era inevitável a derrota do MDB.

Farsa, efetivamente grosseira farsa, foram as eleições de novembro. No país impera uma ditadura militar-fascista que não respeita a vontade popular e nega os mais rudimentares direitos do cidadão. Garrastazu e seu bando estão interessados, não em permitir que o povo escolha os seus verdadeiros representantes, mas em manter e reforçar o regime reacionário e terrorista que infelicitou a nação. Os resultados do pleito indicam, porém, que os brasileiros não aceitam esse regime nem se deixam enbaixar pela cantilena demagógica dos êmulos de Hitler e Mussolini.

Para renovar os costumes políticos e ter eleições livres é preciso pôr abaixo o regime militar.

A experiência de meio século revela que o campo é o problema-chave da revolução. Os movimentos progressistas e revolucionários nas cidades não lograram êxitos nem tiveram maior consequência porque não contavam com um combativo movimento camponês. O campo permaneceu atrasado em relação às cidades no que se refere ao nível de consciência, de luta e organização. Por isso não teve participação de maior vulto nas grandes ações políticas que se desenvolveram no país. Para alcançar a vitória, a revolução tem que contar com o apoio e a ação do campo pesinado.

(Do documento "Cinquenta Anos de Lutas")



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# MENSAGEM À ALBÂNIA

Ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia  
Ao camarada Enver Hodja

Queridos camaradas

Pela passagem do 28º aniversário da libertação do vosso país e da criação da República Popular da Albânia, recebam as calorosas e fraternais congratulações das forças populares e revolucionárias do Brasil.

Quanto mais se distancia no tempo esse memorável acontecimento tanto mais ele se projeta nos dias em que vivemos como um exemplo na luta contra os opressores internos e externos. Sofrendo o jugo da ocupação fascista italiana e, a seguir, sob o tacão do poderoso exército alemão, que havia conquistado quase toda a Europa, as massas populares da pequena Albânia, encorajadas e guiadas pelo nascente Partido Comunista, ergueram-se em armas, uniram-se sob a bandeira de defesa da Pátria e da liberdade, combateram duramente e terminaram derrotando seus piores inimigos. Ao mesmo tempo, deram contribuição apreciável à vitória da causa antifascista, que teve na União Soviética, liderada por Stálin, a força decisiva. A guerra de resistência do povo albanês exigiu, além de heroísmo e firmeza revolucionária, enormes sacrifícios, sobretudo de vidas preciosas, assim como esforços inauditos para a superação de inúmeras dificuldades. Mas não havia outro caminho. Nenhum povo consegue a liberdade sem travar luta renhida. Justamente porque ousou levantar-se sem temer a morte e as vicissitudes, o povo albanês pôde expulsar os invasores fascistas e libertar seu formoso país da dominação estrangeira e das forças reacionárias e traidoras.

Com a vitória de 29 de novembro de 1944, a Albânia conquistou um honroso lugar entre as nações social e politicamente mais avançadas do mundo. O novo regime, dirigido pelo proletariado, permitiu o povo albanês varrer, em curto período, a pesada herança de atraso e obscurantismo e edificar a sociedade socialista. Desse modo, a Albânia se constituiu num valioso modelo para todos os povos que almejam a independência e querem liquidar para sempre o odioso sistema de exploração do homem pelo homem.

Em sua atual e brilhante trajetória, o povo albanês vem sendo um campeão da luta contra o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e as demais forças da reação mundial. O glorioso Partido do Trabalho da Albânia foi um dos primeiros dos tacamentos do proletariado a denunciar e a atacar o revisionismo contemporâneo, encabeçado pelo revisionismo soviético. Opoë-se intrépidamente ao conluio contra-revolucionário soviético-norte-americano e desmascara o perigo que representa para a causa da emancipação dos povos, da liberdade e do socialismo. Educado no espírito do internacionalismo proletário, o povo albanês é um verdadeiro amigo e defensor dos povos que combatem a espolição imperialista e todas as formas de opressão. Empenhado no avanço continuado da revolução em sua Pátria, não perde de vista, porém, a luta que travam, nos quatro cantos do globo, seus irmãos de classe e de ideais. Manifesta-lhe a solidariedade pronta e decidida. Alegra-se sinceramente com seus triunfos. E sempre demonstrou estar disposto a apoiar, sem reservas, o movimento de libertação nacional e social dos trabalhadores e dos povos de todos os Continentes. Por isso, a Albânia socialista é alvo do ódio dos imperialistas, dos revisionistas e dos reacionários de todo tipo, ao passo que se tornou querida e digna do respeito de centenas de milhares de explorados e oprimidos do mundo inteiro.

O povo brasileiro, ao enfrentar uma ditadura militar fascista e a ameaça de escravização pelo imperialismo norte-americano - o pior inimigo da Humanidade progressista - tem no heroico exemplo da Albânia, fonte de permanente inspiração. Luta pela liberdade, o progresso é a independência nacional, cada dia mais consciente de que, unido e de armas na mão, derrubar os generais fascistas e seus amos estrangeiros. Nesta luta, valoriza imensamente a amizade e a solidariedade fraternal e internacionalista do povo albanês, do seu partido de vanguarda - o Partido do Trabalho -, dos seus militantes e dirigentes, entre os quais se destaca Enver Hodja, grande marxista-leninista, amigo constante dos comunistas e do povo revolucionário do Brasil.

De todo coração, formulamos os melhores votos de novos e grandiosos êxitos à República Popular da Albânia e ao seu admirável povo. Desejamos que dia a dia se estreite mais e se aprofunde a amizade que une nossos partidos e nosso povo.

Rio de Janeiro, novembro de 1972

O Comitê Central do

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Fundação Maurício Grabois

# VERDADEIRO CAMINHO DO POVO

A vasta campanha militar desencadeada a partir de 18 de setembro, contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia não alcançou seus objetivos. Uma parte da tropa foi retirada da zona de operações depois de infrutíferas tentativas de cercar e aniquilar os combatentes da selva. Prossegue, no entanto, a ação bélica que se estende de Mato Grosso até o sul do Pará. O comandante do II Exército, em declarações à imprensa de Belém, afirmou que é preciso intensificar a perseguição, pois a existência das guerrilhas constitui um desafio às Forças Armadas.

Tem enorme significação o fato de que a resistência dos moradores e patriotas da região araguiense consiga manter-se e consolidar-se em que pese a intensa mobilização de recursos militares levada a efeito pela ditadura. Isto ocorre porque as guerrilhas defendem uma causa justa e contam com a simpatia não só da população local como das grandes massas do povo brasileiro. Os que empunham armas no sul do Pará expressam os sentimentos e as aspirações da imensa maioria da nação que não se conforma com a ditadura e exige o direito de escolher livremente os rumos do país. Estão destinados, por isso, a se tornar um bastião invencível da luta democrática que se trava no Brasil.

Ao mesmo tempo que atacam os guerrilheiros, as Forças Armadas praticam toda sorte de violências na região. Multiplicam-se as prisões de populares. Muitas pessoas são espancadas por simples suspeita de apoiarem os combatentes locais. Em Araguatins e Xambioá até mulheres tem sido seviciadas em praça pública. A perseguição atinge inclusive a Igreja. Dois padres de Marabá e as irmãs dominicanas de São Domingos das Latas tiveram que sair da área em que viviam por exigência dos militares. Em São Félix do Mato Grosso, segundo nota da Prelazia à imprensa, as Forças Armadas aterrorizam os moradores e investigam a vida do Bispo, de padres e leigos. Novamente são adotadas medidas repressivas contra os lavradores de Santa Terezinha que haviam recorrido às armas para defender seus direitos. Todos os moradores e pessoas que transitam nas proximidades da zona sublevada são submetidos a rigoroso controle policial. Os generais desconfiam de tudo e de todos. Em declarações públicas o governador de Goiás exigiu a permanência de contingentes do Exército na Belém-Brasília para impedir "afluxo de simpatizantes das guerrilhas".

Mas estas violências e controles arbitrários longe de abater o ânimo do povo ajudam-no a abrir os olhos e ver que só através da luta armada pode conquistar a liberdade, acabar com os abusos e injustiças e obter melhores condições de vida. A força de que dispõem os generais não é pequena. Todavia, tem pouca consistência e valor porque defende o que há de mais reacionário e odiado no país e opõe-se à vontade popular. Quanto mais golpeados, mais os generais cometem tropelias. E quanto mais tropelias cometem, mais fracos se tornam. É uma decorrência inevitável da causa que defendem. O povo é muito mais poderoso. Unido e armado derrotará seus inimigos e conquistará a vitória.

A resistência dos guerrilheiros do Araguaia não é só um desafio. É sobretudo um exemplo a seguir. Um grande exemplo de combatividade e audácia revolucionárias que demonstra ser possível enfrentar a ditadura e travar a luta pela sua derrubada. Até agora os generais pisoteavam os direitos do povo e cometiam as maiores arbitrariedades acreditando que ninguém seria capaz de levantar-se com êxito para combater seus desmandos. No entanto os moradores do sul do Pará ousaram fazê-lo. E a oito meses resistem com sucesso. Se o exemplo frutifica em outros muitos lugares a reação será batida, a bandeira da liberdade e da independência nacional tremulará em todos os quadrantes do país.

Por isso, a luta decidida e enérgica é o único e verdadeiro caminho do povo.

OUÇA, DIARIAMENTE, EM PORTUGUÊS

AS RÁDIOS TIRANA E PEQUIM



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# BERGSON GURJÃO

A resistência armada que se desenvolve no sul do Pará brilha a cada dia, no cenário do país, como um signo de esperança. Nos feitos das Forças Guerrilheiras do Araguaia o povo toma conhecimento de provas de abnegação e bravura com as quais está sendo composto o futuro quadro de heroísmo da história brasileira. A nobreza dos ideais da luta guerrilheira - o sonho de liberdade e redenção da Pátria - exige o sacrifício e o sangue - dos melhores filhos do Brasil. É inevitável que um elevado preço deva ser pago para se sacudir o jugo do imperialismo norteamericano e da ditadura militar a seu serviço.

Apesar disso, é sempre com extremo pesar que se recebe a notícia da morte de um lutador. Sobretudo quando se trata de um jovem com as virtudes de Bergson Gurjão. Sabe-se que ele tombou em réfrega contra as tropas do governo, na selva amazônica, deixando um enorme claro nas fileiras dos destemidos guerrilheiros que se empenham em ações defensivas naquela área para desbaratar os planos de aniquilamento levados a efeito pelas forças da reação.

A curta vida de Bergson Gurjão se constituiu num belo exemplo. Nascido no Ceará, numa família da classe média de formação liberal, deveria seguir um curso universitário para manter ou elevar sua posição social. Mas logo sua inteligência e seu caráter o advertiram de uma situação de agruras e dificuldades crescentes para a imensa maioria de seus conterrâneos. Além das calamidades naturais que periodicamente se abate sobre a região nordestina, pragas piores e permanentes, como o latifúndio e a espoliação imperialista, afligem a gente pobre dos sertões. Os contrastes dramáticos, de fome e abandono da maioria de um lado, e de luxo e corrupção da maioria de outro, sensibilizaram a adolescência de Bergson. E quando ele viu o desfecho do golpe contrarrevolucionário de abril de 1964 e a instauração do regime dos generais reacionários, seu coração de jovem não conteve a revolta diante de tantas injustiças.

Por isso, já estudante de química na Universidade do Ceará, Bergson Gurjão aparece como um dos militantes mais ativos do movimento estudantil democrático e antiimperialista. Desde então essa militância não se interrompe nem sofre desvios. Aprimora seus conhecimentos políticos e teóricos, empenha-se de corpo e alma na luta ao lado de seus jovens colegas e, por suas qualidades de intrepidez e firmeza, torna-se um dos mais destacados dirigentes daquele movimento em seu Estado. Ao sobrevirem os acontecimentos de 1968, em que as grandes massas do povo brasileiro, nas cidades, repudiaram de forma aberta a ditadura militar e reclamaram a liberdade, o nome de Bergson ficou ainda mais conhecido. É que, em consequência de sua participação saliente nas manifestações de rua ocorridas em Fortaleza, ele fora gravemente ferido a bala na cabeça, nos choques havidos entre as forças populares e as da repressão. Refeito do ferimento e sob a feroz perseguição que lhe era movida pela ditadura, Bergson, com o mesmo ardor combativo de antes, procura tirar lições sobre a nova onda de violências e terrorismo que os generais desencadeiam no país. Compreende que o povo não conseguirá livrar-se da ditadura e conquistar a democracia limitando-se a realizar manifestações de rua ou empregando formas de luta inadequadas. Será preciso recorrer a ações de massa de envergadura, empreender o caminho da luta armada, em pregar o método da guerra popular. Embora já no 4º ano de química e tendo diante de si uma "brilhante carreira", Bergson Gurjão decidiu-se sem hesitação pelo caminho da luta consequente contra os mais odiosos inimigos do povo brasileiro.

Assim, foi para o interior a fim de ajudar os camponeses a unir-se e levantar-se em defesa de seus direitos. Trabalhando e vivendo junto aos camponeses, identificando-se com os seus problemas e anseios, aprendendo com eles e sentindo o tremendo potencial de força que possuem, Bergson pode verificar a justeza da orientação que adotou. E aí, no campo, ao lado dos seus irmãos, soube das atrocidades dos latifundiários e das tropas da ditadura contra posseiros e moradores do sul do Pará. Então, sem vacilar um instante, Bergson, com a coragem e a lealdade que sempre o acompanharam, procurou incorporar-se aos grupos que resistiam. Transformou-se num guerrilheiro, num dos bravos componentes do primeiro núcleo armado que em nosso país oferece resistência real e séria à ditadura militar e tem perspectiva de desenvolver-se.

Agora, a notícia de que Bergson Gurjão caiu em combate só pode encher de dor os que o conheceram, o admiravam e estimavam. Significa uma grande perda. Morreu o filho diletto, o estudante corajoso, o patriota ardente, o revolucionário exemplar. Entregou sua vida preciosa defendendo os mais nobres ideais de nosso tempo, lutando pela mais justa das causas. Não morreu como um inútil. Seu exemplo será seguido por milhões. O povo brasileiro gravará eternamente seu nome como um dos mais valentes jovens que se sacrificaram para que no Brasil haja direitos e liberdade para todos os explorados e oprimidos.

## INTERVENÇÃO IANQUE NO BRASIL

À medida que o tempo passa, vão surgindo os fatos que desvendam aos olhos do povo brasileiro a tenebrosa conspiração e os sombrios meandros que levaram ao golpe militar de ... 1964, ao regime então instaurado e à política aplicada pelos seus autores e beneficiários. O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, já em documento de 1964 e sobretudo em "A Ameaça Neocolonialista", de novembro de 1965, na base de exaustivas provas fornecidas pelos próprios jornais reacionários daquele período demonstrara, de modo irrefutável, qual o verdadeiro sentido daquele golpe e como se vinha processando a penetração imperialista - norte-americana no Brasil sob o governo de Castelo Branco, cuja filosofia e orientação, eram abertamente entreguistas. Revelara a atividade ostensiva do então embaixador Lincoln Gordon, que agia como se fosse um vice-rei numa colônia. Assinalava que nenhum setor da vida nacional escapava da interferência e ao controle dos agentes ianques, sendo o setor das Forças Armadas brasileiras o mais visado, pois elas se haviam convertido no principal instrumento para expansão e o domínio do imperialismo norte-americano. O Brasil, desde então, se acha exposto ao perigo de ser transformado numa colônia de novo tipo dos Estados Unidos.

Ninguém se atreveu a refutar o documento do Partido Comunista do Brasil. Na época, um comentarista de "O Estado de São Paulo", em face da gravidade dos fatos apresentados de forma sistematizada, recorreu ao artifício de considerá-los exagerados simplesmente porque eram alinhados... pelos comunistas.

Agora surgiu o depoimento do Sr. Jonh Tuthill, embaixador norte-americano que substituiu Lincoln Gordon na representação dos Estados Unidos no Brasil. A revista "Veja" em seu número 214, transcreve parcialmente o artigo publicado por aquele diplomata em "Foreign Policy" no qual relata algumas de suas atividades em nosso país.

A importância do artigo de Jonh Tuthill reside na confirmação cabal dos fatos apontados pela denuncia dos comunistas e porque ajuda a desvendar para as forças populares e patrióticas a grave ameaça constituída pelo imperialismo estadunidense. Tratando da redução da burocracia norte-americana no Brasil e do pseudo respeito "aos sentimentos nacionalistas" do povo brasileiro, o artigo mostra a verdadeira face da ação imperialista ianque.

Tuthill escreve que "o número de funcionários norte-americanos no Brasil havia crescido sem cessar desde meados de 1964 (...). Em 1966, havia 920 cidadãos norte-americanos além de cerca de mil brasileiros na missão dos Estados Unidos". E especifica: os militares, eram 150; os assessores agrícolas, 148; e assim por diante. As origens dessa enxurrada de agentes, segundo ele, se deviam ao "entusiasmo" com que a Casa Branca recebeu a posse de Castelo Branco. E esclarece: "O governo dos Estados Unidos garantiu a Castelo Branco um aumento considerável na ajuda econômica através da Aliança para o Progresso. Anteriormente, o auxílio norte-americano fora limitado a algumas 'ilhas', num esforço para ajudar o povo brasileiro, sem ao mesmo tempo, apoiar um governo corrupto e ineficaz (NR - refere-se à "ajuda" aos governos estaduais como os de Ademar de Barros e Carlos Lacerda, integrados na conspiração golpista). Além disso - e este ponto era obviamente mais controvertido - Washington concordou em ampliar a assistência militar e implicitamente o número de conselheiros militares".

Esta é uma das mais descaradas confissões de intromissão do imperialismo ianque em assuntos internos brasileiros. Mas Tuthill não fica aí. A seguir, conta que, "em 1966, em quase todas as repartições brasileiras envolvidas na administração das decisões impopulares sobre impostos, salários e preços, havia o onipresente assessor americano".

Era uma intervenção afrontosa aos sentimentos nacionais que tinha de provocar, como provocou, crescente descontentamento e protestos que se generalizavam, se bem que o decaimento do patriotismo dos generais no Poder o aceitasse de bom-grado. Entretanto os agentes ianques não deixaram de perceber a irritação nacional. É o que afirma Tuthill: "Creio ser justo dizer que Castelo Branco associou excessivamente o seu governo aos dos EUA, aos olhos da opinião pública (...). O seu ministro das Relações Exteriores (NR - o famigerado Juracy Magalhães) declarou publicamente que 'o que é bom para os EUA é bom para o Brasil'. Isto era levar uma coisa boa longe demais".

Significativa essa lição do agente norte-americano, que não é de todo estúpido. Vale como orientação para seus lacaios. É como quem diz: "Disfarcem um pouco mais, seus idiotas!" Aliás, isso caracteriza a hipocrisia da grande burguesia norte-americana, tanto na dominação interna como na de outros países. Evidentemente, nos momentos críticos, a máscara é posta de lado e aparece a brutal catadura. Veja-se a política estadunidense no Vietnã.

Intervenção Ianque no Brasil (continuação)

me, em São Domingos e em tantos outros lugares. Ou seja, quando os interesses vitais dos monopolistas o exigem a política do porrete predomina sobre a da fala macia, para usar - as expressões de Theodore Roosevelt.

Tuthill diz que por essa razão decidiu diminuir o número de funcionários ianques no Brasil, através do que denominou de "operação Topsy". Procurou preservar as aparências. Assevera ainda que essa "decisão política" tinha em conta também o fato de que Costa e Silva era diferente de Castelo Branco, não queria aparecer tão comprometido com os EUA. "Na medida em que Costa e Silva - escreve - e membros de seu governo (militares, especialmente) vocalizavam seus sentimentos nacionalistas, eu não descuidava de enviar detalhados relatórios a Washington". A expressão "vocalizavam seus sentimentos nacionalistas" é perfeitamente justa, pois o "nacionalismo" dos generais brasileiros sempre foi acima de tudo vocal, isto é, de palavras.

Ao relatar suas atividades, Tuthill faz outras revelações acessórias, como a do funcionamento do que chama de "country team", cuja significação a revista "Veja" equipara a de uma espécie de "ministério" sob a direção do embaixador americano. E a da instalação no Brasil, sob a sigla de PX, que "Veja" explica como uma combinação de supermercado e loja de departamentos (com isenção de impostos) para atender o pessoal diplomático ianque e, por "curiosa deferência especial, a algumas personalidades locais".

Tuthill deixa claro que considerava mais prudente substituir sempre que possível os assessores ianques por brasileiros. Chega assim ao delicado problema da CIA (Central Intelligence Agency). Discutindo a questão das tarefas dessa agência de espionagem e a necessidade de contratar "quadros locais", Tuthill assegura que "um dos mais delicados aspectos das operações da CIA no exterior é o 'recrutamento'. (...) Em alguns países talvez existam benefícios reais na contratação de agentes pagos. Mas o lado positivo desses arranjos parece ser muito menor que o almejado pelos que os defendem. (...) Cabe ao embaixador verificar se há uma razão definida para o recrutamento por parte da CIA em determinadas áreas".

Esse é um reconhecimento descarado da ação da CIA no Brasil. Só falta agora a publicação de quanto em dinheiro recebe cada agente brasileiro da CIA...

No relato do embaixador norte-americano não podia deixar de aparecer o indefectível coronel (hoje general) Vernon Walters, o "amigo íntimo" de Castelo Branco e de outros generais brasileiros. Tuthill esclarece: "Ele (Walters) tinha estreitas ligações com os militares brasileiros como dispunha de antenas muito bem sincronizadas para os problemas políticos". Por sinal, Vernon Walters é atualmente sub-diretor da CIA nos Estados Unidos.

Eis aí mais um impressionante subsídio para a análise da ação do imperialismo ianque no Brasil e um testemunho irresponsável da traição dos generais reacionários aos mais sagrados interesses do povo e do país.

"Orientar-se pela luta armada não significa, de nenhuma maneira, renunciar às outras formas de luta, não quer dizer concentrar-se no campo e abandonar a luta nas cidades ou vice-versa, e tampouco significa propor o objetivo final - a tomada do poder - abandonando a pequena luta pelas reivindicações imediatas, econômicas, políticas e sociais dos trabalhadores. Não quer dizer se dedicar apenas à organização das forças armadas populares e descuidar-se do trabalho entre as massas e nas suas organizações. Não quer dizer trabalhar e lutar apenas na clandestinidade e renunciar ao aproveitamento das possibilidades da luta legal e semi-legal. Preparar a revolução não é questão de um dia; é um trabalho multilateral e complexo. Para conseguir isto tem-se que trabalhar e lutar em todas as direções e utilizando todas as formas, combinando-as corretamente e modificando-as de acordo com as modificações da situação, mas sempre subordinando-as ao objetivo final".

( Enver Hodja - Informe apresentado ao VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, em novembro de 1971



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



# Documento de Atualidade

Para que os comunistas se tornem efetivamente uma força política de vanguarda, o marxismo-leninismo exige que dominem o curso do movimento político real. Caso contrário, não passarão de um partido constantemente surpreendido pelos acontecimentos, sem nenhuma capacidade de previsão e de ações corretas, quantos mais de direção revolucionária.

Os êxitos obtidos pelo Partido Comunista do Brasil nos anos posteriores à sua reorganização e o fato de que sua orientação vem inspirando cada vez maior confiança ao povo se devem a que tem sabido analisar objetivamente os acontecimentos e determinar, à luz dessa análise, a marcha do processo político e a linha de conduta de seus militantes.

Como exemplo atual e eloquente, veja-se a caracterização do governo Médici e os rumos que iria seguir, no documento "Responder ao Banditismo da Ditadura com a Intensificação das Lutas do Povo", aprovado e publicado em dezembro de 1969, dois meses depois da posse desse general do SNI no governo do país. Hoje, decorridos três anos da ascensão de Médici esse documento adquire especial significação. Nele é feita uma lúcida análise do desenvolvimento da situação política nacional, são extraídas conclusões justas para a ação dos comunistas e se lança a campanha de revolucionarização do Partido, como medida decisiva para enfrentar o agravamento das difíceis condições sob as quais já vivia o povo brasileiro.

A importância dos aspectos essenciais dessa resolução do PC do Brasil ressalta nos dias que atravessamos. Toma-se, para exame, a questão da chamada "reabertura democrática", ilusão com a qual se embalavam várias forças políticas de oposição, que não compreendiam o verdadeiro sentido da ditadura instalada no país nem percebiam o caráter do governo que acabava de se empossar. O documento do partido, ao analisar a forma pela qual fora escolhido Médici e tendo em conta o processo político em desenvolvimento, indica que, sob sua direção, o regime só poderia se tornar, cada vez mais "uma ditadura militar de caráter terrorista", porque Médici, mais do que Costa e Silva e Castelo Branco, "está subordinado aos generais fascistas e deles depende". A principal missão de seu governo seria a de "esmagar por todos os meios o movimento democrático e patriótico". Nessas condições, salienta o documento, "a promessa de Garrastazu de instaurar a democracia no fim de seu mandato e de fazer o 'jogo da verdade' é um grosseiro embuste com a finalidade de alimentar ilusões entre a oposição e de obter uma trégua para aplicar as diretrizes reacionárias do Alto Comando das Forças Armadas. Enquanto fala em democracia para 1974, vai tentando consolidar um regime dos mais arbitrários".

Agora, todos podem ver <sup>que</sup> os fatos confirmaram essa análise. Médici tanto renegou suas promessas de "instaurar a democracia" como se empenha obstinada mas camufladamente em montar um sistema fascista, pronto a cair, qual uma guilhotina, sobre as cabeças de todos os democratas e patriotas. Ao mesmo tempo, trabalha com afinco para conservar seu grupo no poder, impondo normas sobre suas sucessão e impedindo qualquer debate a respeito do tema.

Além disso, o documento de 1969 fazia a previsão seguinte: "O governo (de Médici) esforce-se para aparentar estabilidade e força, mas é fraco e instável. Surgido da manipulação de alguns oficiais generais, sua base política é mais estreita de que a de Costa e Silva. Não representa mesmo o conjunto das forças militares comprometida com o golpe de 1964. Embora pretenda unificar tais forças, não o conseguirá. Tampouco conseguirá aplacar o sentimento de oposição, evitar que o descontentamento popular se estenda e o movimento revolucionário cresça. Estará sujeito a crises constantes e de profundidade sempre maior. Para se manter no Poder, Garrastazu recorrerá a uma repressão mais vasta, alcançando novas áreas políticas, atingindo, inclusive, elementos que se encontram em posição de mando.

Essa previsão foi igualmente comprovada pelos fatos. Mesmo a observação mais superficial atesta que o desenrolar dos acontecimentos corresponde ao que foi escrito pelos comunistas em 1969. Não se requer grande acuidade política para verificar que o descontentamento das massas populares e o sentimento de oposição assumiram grandes proporções. Também o avanço do movimento revolucionário é indiscutível, apesar dos esforços desesperados e do terror que a ditadura militar vem utilizando para esmagá-la. Multiplicam-se os conflitos no campo entre os camponeses sem terra ou com pouca terra e os latifundiários apoiados pelo governo. Surge e se desenvolve a luta armada no sul do Pará. Aumenta a resistência e se radicalizam as ações populares em diferentes pontos do país. E se reforça a vanguarda marxista-leninista com o crescimento do Partido Comunista do Brasil e a extensão de sua influência.

Inegavelmente, o governo Médici ficou ainda mais fraco e instável do que em 1969.

(Continua na página seguinte)



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# conflitos rurais no nordeste

No Engenho de Matapiruma, em Pernambuco, quinze policiais e pistoleiros, a mando de José Metódio, dono do engenho, metralharam um grupo de trabalhadores que se dedicavam ao seu serviço habitual na plantação. Alguns trabalhadores reagiram com seus instrumentos de trabalho - foices e facas. Um trabalhador morreu e houve feridos em ambos os lados. A selvagem agressão foi uma represália do dono da terra contra os trabalhadores que reclamaram alguns direitos na Justiça do Trabalho e obtiveram ganho de causa. O camponês José Inocêncio Barreto, que foi morto no conflito, tinha encabeçado a reclamação. Após a chacina, as autoridades estaduais realizaram várias prisões.

Em Pereiro, no Ceará, o fazendeiro Celso Araujo, dono de um latifúndio com 50 quilômetros quadrados, foi morto, juntamente com um de seus filhos, por rendeiros de suas terras, que cultivavam o algodão em regime de parceria. Havia uma disputa judicial entre o fazendeiro e os rendeiros, e o primeiro não estava cumprindo uma decisão favorável aos segundos. Em consequência do conflito, um rendeiro ficou ferido e dois tiveram sua prisão preventiva decretada pelo Juiz local. Trezentos camponeses prometeram impedir a prisão de qualquer maneira. Ainda no Ceará, o advogado Francisco Lindolfo Cordeiro, chefe do Departamento Jurídico da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado está sendo processado na Justiça Militar como incurso na Lei de Segurança Nacional, em dispositivo que prevê a pena de morte. A acusação é de que o advogado "incitou os agricultores filiados nos diversos sindicatos à violência contra os proprietários de terras, incitamento esse que já provocou diversas mortes", acusação evidentemente absurda.

No Maranhão, no município de Primeira Cruz, capangas chefiados por José da Pedra estão invadindo terras de pequenos agricultores, ocupando casas, destruindo roçados, tomando alimentos dos camponeses e cobrando "taxas de ocupação". No município próximo de Joselândia, conflitos semelhantes já haviam provido a morte de um camponês. Os pistoleiros estão a serviço de grileiros (um deles é o deputado estadual da ARENA Pontes de Aguiar) e seu objetivo é desalojar os camponeses das posses que cultivam há longos anos ou transformá-los em empregados ou arrendatários dos que se dizem proprietários das grandes extensões de terras desbravadas pelos posseiros. Os conflitos se estendem aos povoados de Chapadinha, Santa Inês Bacabal e Lago da Pedra. Na área de Açailândia e Santa Luzia, onde as terras estão se valorizando pela construção de uma grande rodovia, a situação é a mesma. (Continua na pag. seg.)

## Documento de Atualidade (continuação da página 9)

Atualmente, mesmo a empulhação do "milagre econômico" que parecia render-lhe certos dividendos políticos, anda bastante desmoralizada. A maioria do povo verificou que o alalá sobre o "crescimento vertiginoso do PIB" e a "escalada do desenvolvimento" significam, na realidade, maior miséria para as massas e a venda criminosa das riquezas do país e do suor dos trabalhadores ao capital estrangeiro, sobretudo norte-americano. Médici e seu grupo têm, por isso, de se entregar a uma demagogia barata a fim de ver se enganam alguns setores de opinião e alcançam popularidade.

Isto não quer dizer, porém, que o regime dos generais vá ruir por si mesmo. De forma alguma. Como mostrava também claramente o documento do Partido, seria necessário empenhar-se numa luta prolongada e tenaz, ter capacidade de recorrer às mais variadas formas de ação de massa, trabalhar porfiadamente pela união do povo e, fundamentalmente, preparar e desencadear a guerra popular. A unidade das forças populares ainda dispersas só poderia ser obtida através da aplicação de uma tática correta, que levasse em conta as condições concretas de tempo e lugar. Essas, as condições para a vitória da causa democrática.

Com tal compreensão e tal perspectiva é que o Partido deu ênfase à necessidade de revolucionarização de suas fileiras. Os comunistas não poderiam realizar sua missão de vanguarda e orientar o povo para o triunfo se não estivessem profundamente imbuidos do espírito revolucionário, se não rompessem com tudo que ainda lhes impedia e impede de se dedicarem por completo à causa da revolução. Na prática, isto significa que a luta contra o oportunismo - fora do Partido deve ser conjugada solidamente com o combate ao oportunismo dentro do Partido. Impunha-se a adoção de métodos e de um estilo de trabalho condizentes com a qualidade de membros do Partido, estudo consciencioso da teoria marxista-leninista em indissolúvel ligação com a prática concreta da revolução e a liquidação de hábitos e costumes burgueses e pequenos burgueses que ainda tolhem a total subordinação de cada um aos interesses da luta revolucionária.

Por tudo isso, é atualíssimo o documento "Responder ao Banditismo da Ditadura com a Intensificação das Lutas do Povo. Expressa a seriedade dos comunistas ao tratar dos problemas políticos. E justifica a força e o respeito que estão conquistando como vanguarda revolucionária do proletariado e do povo brasileiro.

Conflitos Rurais no Nordeste (continuação)

Esses são os fatos que a imprensa censurada noticiou. Muitos outros episódios semelhantes ocorrem no Nordeste sem registro no noticiário. Esses fatos merecem algumas reflexões.

São conflitos ocorridos num curto espaço de tempo (as últimas semanas) e em três diferentes Estados nordestinos (o Maranhão já é quase o Norte). Têm como ponto de partida as relações entre os três tipos mais comuns, no Brasil, de camponeses pobres e médios - assalariados agrícolas, pequenos arrendatários e posseiros - de um lado - e grandes proprietários, de outro. Os posseiros apresentam a peculiaridade de serem pequenos agricultores independentes, trabalhando em explorações de tipo familiar, sem relações de produção com os latifundiários. A implantação das posses em terras não ocupadas é a forma que encontram para escapar do latifúndio. O conflito se estabelece porque o latifúndio trata de se estender, como uma mancha de azeite, nessas terras antes inúteis e que o duro trabalho dos posseiros desbravou e tornou produtivas. Assim, embora os posseiros sejam agricultores independentes, sua luta contra a grilagem dos fazendeiros é uma forma peculiar de luta de classes no campo. Por outro lado, os assalariados agrícolas não se identificam totalmente como proletários, sobretudo quando são simultaneamente minifundiários ou quando moram em terras do patrão e dispõem de parcela para consumo familiar. Nessas casos, sempre possuem alguns meios de produção e, além disso, a condição de ocupantes de terra alheia cria vínculos de dependência de natureza semi-feudal.

Os conflitos que se estendem pelo Nordeste são sinal do acirramento da luta de classes no campo. A classe dos latifundiários foi decisiva na promoção do golpe de 1964. A ditadura militar é o seu regime. Sob a sua proteção, tornou-se mais exploradora, arrogante e violenta do que nunca. Os camponeses tiveram seu movimento e suas organizações pela reforma agrária desbaratados. Mas a luta de classe não é uma invenção dos comunistas. Existe, independentemente da vontade de quem quer que seja. E a ditadura militar que a nega, que a combate, e que gostaria de vê-la extinta, gera exatamente o resultado contrário: ela se acirra, se radicaliza e tende a se estender e a se tornar mais violenta. A ditadura pode instalar o silêncio da censura, reprimir, prender, torturar e matar - como vem fazendo. Mas não pode cancelar a realidade social. Não há decreto, não há polícia que o faça.

No Brasil, há dois fatores objetivos que contribuem também independentemente da vontade de quem quer que seja, para diminuir as tensões sociais no campo. Um é a migração camponesa para as cidades. Mas esse êxodo tem, por um lado, seu limite de saturação e, por outro lado, é fator de agravamento da crise social nas cidades. Cria uma abundante oferta de mão-de-obra urbana, determinando a tendência hoje tão visível à diminuição dos salários reais do proletariado industrial. Gera o cinturão da miséria que se incorporou à paisagem de todas as cidades brasileiras e até mesmo das pequenas cidades do interior. O outro fator é a migração camponesa para as terras ainda não exploradas, gerando o fenômeno tipicamente brasileiro do posseiro. Mas nas pegadas do posseiro vai sempre o grileiro. Isto é, o latifundiário. A ocupação do interior pela grande propriedade é claramente estimulada pelo governo, como se observa na Amazônia, onde funciona nesse sentido os incentivos da SUDAM. Os casos de colonização do interior à base da pequena ou média propriedade familiar são raros. Ocorre pela iniciativa particular, como, por exemplo, algumas áreas do sul do Mato Grosso, atendendo principalmente a agricultores de origem estrangeira do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, que tradicionalmente exploram pequenas e médias propriedades. Mesmo assim, essa colonização não atende ao crescimento populacional, daí resultando os conflitos de posseiros no Paraná. No Norte, com muito menos êxito, o governo tenta fazer qualquer coisa nesse sentido nas agrovilas da Transamazônica. Os resultados, em número e em relação ao volume e à gravidade do problema dos camponeses sem terra no Brasil, são ridículos. Mal iniciada, a tentativa já é um fiasco. Essas duas correntes de migração camponesa, que vêm funcionando como válvulas de escape naturais do agravamento da luta de classes no campo, têm, nessa função, a médio prazo, seus limites obrigatórios.

Nas áreas ocupadas a séculos e populosas, como é o Nordeste, os latifundiários em sua maioria não abrem mão de um palmo de terra nem permitem que se fale em reforma agrária mesmo demagógicamente. Como dizia a pouco o deputado mineiro Último de Carvalho, "terra, no Brasil, é assunto em que não se toca",

Mas se toca. Os conflitos no Nordeste põem em questão o problema da terra. Nada nem ninguém consegue tirar esse problema da ordem do dia. Nem a ditadura, nem a repressão, nem as reformas demagógicas. É certo que os conflitos que estão se verificando do Nordeste ainda são espontâneos e não têm objetivos de grande alcance. Mas o problema agudo, subjacente a todos esses episódios que não constituem fatos isolados, insólitos ou casuais, é o problema da terra. E esse problema só pode ser definitivamente resolvido pela revolução agrária e antiimperialista.

## RESISTÊNCIA À REFORMA DO ENSINO

Intensifica-se a resistência das forças democráticas, especialmente dos estudantes e professores, contra a reforma educacional patrocinada pela ditadura. A última manifestação dos corpos docente e discente da Universidade de São Paulo contra o ensino pago, que é um dos aspectos essenciais da reforma, obteve ampla repercussão e provocou exasperados pronunciamentos das autoridades governamentais.

Os estudantes paulistas, através do Conselho de Centros Acadêmicos da USP, não apenas publicaram um documento-denúncia em relação ao ensino pago como realizaram um plebiscito a respeito da cobrança de anuidades nos cursos superiores. Demonstram, na denúncia, com dados sólidos e argumentação serena, qual a verdadeira situação da reforma do ensino universitário, que objetivos persegue o governo com ela e como vem sendo realizada. Provam que todo o sistema de ensino universitário está em crise e desmascaram as posições demagógicas e contraditórias do Ministro da Educação Coronel Passarinho. A educação, dizem os estudantes da USP, sob o regime militar, está relegada a um papel menos que secundário, sendo mentirosa a afirmação do ministro de que o Brasil é hoje o 4º país do mundo a investir nesse setor. Na realidade, de acordo com os próprios dados oficiais, as verbas destinadas à educação caem em comparação com as que se destinam às Forças Armadas e ao Serviço Nacional de Informações (SNI). Enquanto as dotações orçamentárias para a educação vêm diminuindo a partir de 1964, passando de 11% em 1965 para 5,1%, em 1971, as dotações para a defesa e segurança vão aumentando na mesma proporção. Perguntam com toda razão os jovens: serão os militares e os espões mais importantes que os cientistas e os especialistas para o desenvolvimento do país?

A seguir, os estudantes paulistas promoveram um plebiscito sobre o ensino pago, cujos resultados são expressivos para revelar a opinião da juventude estudantil. Em 7 escolas, de 6.392 estudantes consultados até meados de novembro, 5.929 se pronunciaram contra tal pagamento. Na Escola Politécnica entre 126 professores consultados, 74 se manifestaram contra.

Em face de tão decidido repúdio, o coronel Passarinho ameaça apelar para mais drástica aplicação do decreto-lei 477 a fim de abafar o movimento de resistência dos estudantes e professores à reforma universitária. Passarinho tachou o plebiscito levado a efeito na USP como uma "triste aliança da esquerda radical com a classe rica".

Mas, nem os arreganhos dos agentes da ditadura nem a demagogia ou as acusações ridículas podem amedrontar aqueles que se batem em defesa do barateamento do ensino e da sua gratuidade, pela democratização da cultura em oposição à reforma escolar para benefício dos grandes grupos econômicos nacionais e do imperialismo norte-americano. É preciso entre tanto ampliar e radicalizar ainda mais as posições do movimento de resistência à reforma e estar vigilante contra as manobras da ditadura. A introdução da reforma por parte dos militares vem se fazendo na medida em que encontra um terreno propício, isto é, que conseguem quebrar a vigilância e a resistência do movimento estudantil e democrático. Portanto, se "o problema é político" como reconhece o ministro da educação e compreendem os estudantes, a questão que se coloca é a de que, para impedir definitivamente a aplicação dessa reforma monstruosa incumbe também ligar a luta dos estudantes contra a reforma à luta contra a ditadura militar. As duas tarefas andam juntas, pertencem tanto aos estudantes como às grandes massas do povo brasileiro.

### Conflitos Rurais no Nordeste (continuação da página 11)

O fato de que esses conflitos - caracterizados pela violência, mesmo quando se combinam com disputas legais - sejam espontâneos indica precisamente que a possibilidade de se desenvolverem lutas armadas camponesas não é uma perspectiva voluntarista ou artificial. Tem uma base objetiva e emerge da realidade concreta do interior brasileiro. Os movimentos espontâneos, localizados e por objetivos limitados e parciais, podem dar lugar a movimentos conscientemente políticos, com objetivos revolucionários em relação ao regime e ao poder, e generalizados, abrangendo amplas regiões e envolvendo, em diferentes graus de participação, massas de centenas de milhares de camponeses sem terra. Nesse sentido, as Forças Guerrilheiras do Araguaia podem ser vistas como o embrião de um novo tipo de movimento camponês armado no Brasil.



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois